MÍDIA, IDENTIDADE E AUTOESTIMA:
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO JOVEM NEGRO NA CULTURA BRASILEIRA

Iasmin Alves Klerer[1]
Eduarda Souza Marques[2]

RESUMO: Este artigo pretende abordar o papel da mídia e da arte, ao longo da história, no processo de formação da autoestima dos jovens negros. Portanto, evidencia a importância da televisão, da literatura, da linguagem e das artes cênicas como instrumentos de representatividade, já que impactam a população, principalmente as parcelas mais vulneráveis. Percebe-se o quanto a mídia foi prejudicial para a autoestima de crianças e adolescentes negros na busca por sua identidade, uma vez que representava esses indivíduos de forma pejorativa, como marginais e, principalmente, quando mulheres, de maneira sexualizada. Devido à falta de exemplos positivos nesses meios, faz-se necessário a inspiração nos poucos artistas e personagens representados, assim, é imprescindível a existência de pessoas negras como referências de poder e potência na sociedade para que sirvam de modelo para crianças e adolescentes, visando sua autoestima e trajetória de ascendência social.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças e adolescentes. Representatividade. Mídia. Televisão. Literatura. População Negra.

INTRODUÇÃO

A autoestima é um elemento fundamental na formação da identidade e no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, influenciando diretamente suas perspectivas e aspirações. No contexto brasileiro, esse processo é afetado por diversos fatores e a mídia desempenha um papel significativo na construção da autoimagem, especialmente para jovens negros.

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel da mídia no processo de formação de autoestima de jovens negros, destacando como a representação e a

[1] Estudante de Direito na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, com um profundo interesse em questões sociorraciais na esfera jurídica. Coautora do artigo "Crianças e adolescentes infratores sob uma perspectiva racial," publicado na edição 2022 do Caderno de Direito de Crianças e Adolescentes da FDSBC (https://revistas.direitosbc.br/index.php/DCA). Cofundadora do Coletivo Negro do Colégio Arbos Santo André.

[2] Estudante de Direito na Universidade São Judas Tadeu, combina seu interesse na defesa da cultura negra com sua carreira em uma multinacional. Sua paixão por justiça social e cultura afro-brasileira a torna uma voz inspiradora na comunidade. Coautora do artigo "Crianças e adolescentes infratores sob uma perspectiva racial," publicado na edição 2022 do Caderno de Direito de Crianças e Adolescentes da FDSBC (https://revistas.direitosbc.br/index.php/DCA).

inclusão de personagens negros nas diversas mídias, com enfoque na televisão e na literatura, podem impactar positivamente na percepção de sua identidade e subjetividade.

Ao longo da história, crianças e adolescentes negros são sistematicamente sub-representados ou mal representados na mídia, com personagens frequentemente relegados a papéis estereotipados e marginalizados. Essa falta de representatividade positiva pode ter efeitos devastadores na autoestima dos jovens negros, levando-os a internalizar estereótipos negativos e a duvidar de sua própria capacidade e valor.

A mídia, em suas diversas formas - televisão, cinema, literatura, internet - exerce grande influência na construção de referências e modelos a serem seguidos. A ausência de personagens negros em posições de destaque e relevância nas narrativas contribui para a perpetuação de estereótipos e reforça a ideia de que o sucesso, a beleza e o valor estão associados predominantemente à branquitude.

Além disso, a mídia muitas vezes retrata jovens negros em situações de violência, criminalidade ou inferioridade social, o que contribui para a internalização de uma autoimagem negativa e a consequente diminuição da autoestima. Essa representação inadequada afeta diretamente a maneira como esses jovens se percebem e como são percebidos pela sociedade, dificultando a construção de uma identidade positiva e saudável.

É essencial destacar que a mídia pode ser uma poderosa ferramenta para promover a inclusão, a diversidade e a valorização da cultura afro-brasileira. A representatividade positiva de personagens negros, suas histórias e conquistas pode inspirar e empoderar jovens negros, fornecendo referências que refletem sua realidade e potencial.

Neste sentido, é fundamental que a mídia assuma a responsabilidade de evidenciar a diversidade da sociedade brasileira e trabalhar para desconstruir estereótipos negativos e preconceitos raciais. A inclusão de narrativas que exaltem a cultura e a história dos povos afrodescendentes pode contribuir para uma maior identificação dos jovens negros com suas raízes e para o fortalecimento de sua subjetividade.

O presente artigo se propõe a explorar a influência da mídia, principalmente na televisão e na literatura, na formação da autoestima de jovens negros, buscando

contribuir para a conscientização sobre a importância da representatividade positiva e inclusiva.

1 HISTÓRIA DO DIREITO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE COM RECORTE RACIAL

Em âmbito mundial, crianças e adolescentes tiveram uma demora exacerbada para a conquista de seus direitos, não sendo diferente no Brasil.

> [...] em 1549, chegou ao Brasil, a Companhia de Jesus que era formada por um grupo de religiosos, cuja tarefa consistia especialmente na evangelização dos habitantes da nova terra, bem como o exercício do papel de defensores da moral e dos bons costumes. Nesse argumento, Day et al. (2003) afirmam que os religiosos passaram a desempenhar a função de defesa dos direitos infantojuvenis, pois até o início do século XX, todo o amparo a infância brasileira, basicamente foi exercido pela Igreja Católica[3].

Por meio do trecho supracitado, é possível perceber que os governantes do período colonial pouco se importavam com as condições de crianças e adolescentes, tratando-os como seres à parte da sociedade.

Ao longo da história brasileira, foi lento o reconhecimento jurídico de crianças e adolescentes enquanto sujeitos de direito e com dignidade plena.

Neste sentido, muito embora o “Código de Mello Mattos”, de 1927, ainda não reconhecia a cidadania plena de crianças e adolescentes, é imprescindível sua menção, haja vista sua repercussão ter sido um marco inicial para uma futura discussão de direitos dessa camada da população.

Ainda, em 1979, tem-se o Código de Menores, que, entre seus diversos marcos, traçou o limite da responsabilidade penal para crianças e adolescentes. No entanto, enfrentou críticas devido à falta de garantias judiciais e excesso de medidas de internação.

A consolidação efetiva do reconhecimento dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes ocorreu a partir do artigo 227 da Constituição Federal de 1988[4], já que prevê com segurança o reconhecimento dessa parcela da população como sujeitos de direito que merecem ser preservados e respeitados.

---

[3] ROBERTI JÚNIOR, João Paulo. Evolução Jurídica do Direito da Criança e do Adolescente no Brasil. **Revista da Unifebe**, Brusque, v. 1, n. 10, p. 105-122, jan./jul. 2012, p. 109. Disponível em: https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/7. Acesso em: 19 jul. 2023.

[4] BRASIL. Constituição Federal, artigo 288. De 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 de jul. de 2023.

Por fim, para que o artigo constitucional supracitado tivesse efetividade, bem como materialidade, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)[5] foi aprovado para garantir o paradigma da proteção integral da infância e juventude no Brasil.

Para o conhecimento das diversas camadas de preconceito que crianças e adolescentes sofrem, é necessário entender as variadas formas de violência que estão suscetíveis a sofrer. A saber, questões como gênero, etnia, religião, deficiência são exemplos dessas espécies de violência.

"Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais."[6]

Assim, tendo em vista que, quanto mais marcadores sociais um indivíduo possui, mais vulnerável e à margem da sociedade ele estará, é imprescindível que haja um recorte de crianças e adolescentes negros. Isso porque, historicamente, quando o fator racial de crianças e adolescentes é desconsiderado, já ocorre uma situação atípica de direitos, colocando essa parcela como hierarquicamente inferior, portanto, quando a pauta racial é levada em consideração, é ainda pior, com grande exclusão de direitos.

> A violência praticada contra crianças e adolescentes negros não é um acontecimento novo no Brasil. Desde o período colonial até os nossos dias, essa parcela da população vem sendo espoliada, oprimida, negligenciada, ou seja, sofrendo as conseqüências da violência sob todas as formas que esta pode incidir sobre uma pessoa e/ou comunidade[7].

No Brasil, o período escravocrata é um marco importante para compreender a relação entre infância, adolescência e a questão racial, uma vez que, durante a escravidão, crianças e adolescentes negros eram vítimas de violência física, sexual e psicológica, sendo tratados como mercadorias e sujeitos a condições de vida desumanas.

Somado a isso, a família escravizada era frequentemente separada, não havendo qualquer proteção especial para as crianças e os adolescentes negros. O

---

[5] BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 19 jul. 2023.

[6] ZAMBONE, Marcio. **Marcadores sociais**. São Paulo, 1 de agosto de 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf. Acesso em: 10 out. de 2023.

[7] CAMARGO, Climene; ALVES, Eloina; QUIRINO, Marinalva. Violência Contra Crianças e Adolescentes Negros: Uma Abordagem Histórica. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 608-615, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/5JTcg8MHgGsZrzfZBvnHbTf/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2023.

contato com os pais e familiares na primeira infância é essencial para um melhor desenvolvimento do indivíduo, entretanto, quando o aspecto prioritário é a sobrevivência, não há que se falar em contato familiar nesse contexto, mas apenas pensar em uma perspectiva de sobrevivência dia após dia.

Diante desse cenário de extrema vulnerabilidade, é imprescindível entender que, se para adultos escravizados a situação era demasiadamente precária, para crianças e adolescentes essa perspectiva era ainda mais lastimável, uma vez que suas condições e particularidades não eram respeitadas e preservadas.

Portanto, com a abolição da escravatura em 1888, crianças e adolescentes negros enfrentaram novos desafios, sendo abandonados à própria sorte, sem acesso à educação, saúde e condições mínimas de sobrevivência.

Assim, conclui-se que, mesmo que no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90) inexista a distinção de tratamento entre crianças e adolescentes independentemente da raça, como há um cenário de discrepância de tratamento desde o início da formação social do Brasil com essa parcela da população, é necessário que se analise a inconsistência de direitos a crianças e adolescentes negros ainda em 2023.

A partir de uma história de resistência e constante luta, questiona-se: De onde crianças e adolescentes pretos tirariam inspirações para ascenderem em suas vidas, se a exaltação só se dava por parte de pessoas em situações de privilégio, ou seja, brancas?

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NEGRA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

É comum que o ambiente escolar seja o primeiro contato da criança com a sociedade, não estando as instituições de ensino isentas do racismo, e por isso o Movimento Negro luta para que o debate étnico-racial seja abordado logo no início da vida escolar, apontando a literatura infantil como um meio de importante contribuição para abordar o tema racial.

Ainda que haja um longo caminho a ser percorrido para que a história do negro deixe de ser resumida à escravidão, algumas conquistas já foram obtidas, como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da

Educação (Lei nº 9.394/96), tornando obrigatória a presença da História e cultura afro-brasileira e africana no currículo oficial da rede de ensino.[8]

Hoje, a educação básica tem como primeira fase a educação infantil, com sua prática pedagógica voltada para brincadeiras e interações entre crianças, seguindo "princípios éticos, estéticos e políticos e de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), deve cumprir sua função sociopolítica e pedagógica".[9]

Mesmo que considerado elemento curricular, a diversidade étnico-racial apresentada na pré-escola pode ser distorcida por preconceitos e estereótipos causados pelo racismo estrutural que, como consequência da abolição tardia da escravidão no Brasil, reflete ainda hoje em uma sociedade com diversos atos racistas, mesmo que sem consciência da gravidade das ações, mas de maneira infiltrada no cotidiano[10].

> Muito se tem falado em antirracismo, uma vez que ninguém quer se admitir racista, ainda que sejamos parte de uma sociedade em que o racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018) e que este se traduz praticamente em todas as esferas da sociedade, tais como: nas práticas cotidianas, na linguagem, na educação, na saúde e em diversas outras instâncias[11].

Por esse motivo, é essencial entender do que se tratam os artefatos culturais e como podem auxiliar na construção da educação antirracista. Alguns pesquisadores afirmam que livros, programas de televisão, músicas, filmes, revistas e outros artefatos culturais podem contribuir com a prática pedagógica em questão, já que esses traduzem diversas concepções e ideologias, contemplando a história de diferentes povos e nações. [12]

Para que o falso ideal de democracia social seja quebrado, é necessário que todo o povo brasileiro tenha acesso a conhecimento logo na primeira infância, dando ênfase à população negra que pouco conhece e valoriza sua própria história.

---

[8] COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. *In:* **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 14, n. 39, p. 125–139, 2022, p. 3. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384. Acesso em: 28 jul. 2023.

[9] COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. *In:* **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 14, n. 39, p. 125–139, 2022, p. 3. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384. Acesso em: 28 jul. 2023.

10 *Ibid*.

11 *Ibid*.

12 *Ibid*.

A literatura infantil trata de forma sutil vários campos do cotidiano, como: *estéticos, políticos e sociais*, o que é de extrema importância para construção do saber da criança logo na primeira infância, mas grande parte das narrativas encontradas nas escolas tem características ilustrativas de cunho eurocêntrico, nas quais o tratamento de personagens negros acontece de maneira estereotipada.

No contexto da literatura infantil, a abordagem de personagens é um aspecto crítico que molda a percepção e o entendimento das crianças. O desafio de romper com estereótipos eurocêntricos em narrativas para crianças é essencial, especialmente à luz da importância de uma representação inclusiva na educação infantil.

Neste sentido, destaca-se o livro “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, escrito por Monteiro Lobato. A obra incorpora elementos da cultura brasileira, incluindo folclore, lendas e tradições regionais. Ela introduz os leitores a um rico universo de histórias e personagens do Brasil, promovendo o conhecimento e a valorização da cultura nacional.

No entanto, é imprescindível que haja uma análise da participação de personagens negros nesta obra, de modo que evidencie a maneira como são abordados.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo conta a história dos netos de Dona Benta, Narizinho e Pedrinho, que passam as férias no sítio de sua avó se envolvendo em inúmeras aventuras ao lado de uma boneca de pano falante e um sabugo de milho com vida própria.

Partindo da premissa de que a obra *Sítio do Pica-pau Amarelo* é um livro infantil, é notória a ausência de personagens infantis representados por pessoas negras, uma vez que os únicos personagens negros da história, além de serem adultos, ocupam papéis de submissão, serventia ou rebeldia. A partir dessa análise, questiona-se: como fica a cabeça de crianças e adolescentes negros ao perceberem que são representados em papéis paralelos ao enredo principal?

Para responder esse questionamento, é preciso fazer uma análise em paralelo à história central, com a presença de Tia Nastácia, mulher negra, empregada doméstica e cozinheira. Enquanto Dona Benta, mulher branca, com conhecimento de literatura e cultura europeia, repassa tais informações aos seus netos, Tia Anastácia tem o conhecimento popular, sendo pouco reverenciada por seu conhecimento acerca

do folclore brasileiro. É perceptível a diferença de abordagem de Dona Benta e Tia Anastácia, a partir dos seguintes trechos que as definem:

“Negra, de beiços grandes, assustada e medrosa, uma cozinheira de mão cheia. Sem os seus quitutes, a vida no Sítio não teria "sabor""[13].

"Calma, doce, serena e contadora de boas histórias”[14].

Percebe-se a discrepância da narrativa das características das personagens, posto que Dona Benta tem a virtude de ser uma boa contadora de histórias, partindo da perspectiva de que ela aborda uma cultura elitizada e branca, diferentemente de Tia Anastácia que, por sua vez, traz a brasilidade de suas narrativas, ao passar com realidade e vivência tudo que conta, contudo, sequer tem a visibilidade dessa característica como Dona Benta, posto que, segundo Monteiro Lobato, sua única qualidade é ser uma boa cozinheira.

A principal questão é que a Tia Anastácia representa inúmeras mulheres negras no Brasil, solteiras, na maioria das vezes, cuidando das pessoas, mas sem receber com reciprocidade os mesmos cuidados e fazendo atividades braçais que lhe são atribuídas.

Assim, é imprescindível que seja quebrado o paradigma de mulheres pretas em posição de cuidadora e nunca dignas de serem escolhidas e amadas, sem protagonizar papéis de ascensão e poder, ou seja, submetidas a uma realidade cruel.

Tia Anastácia não é só uma excelente cozinheira, ela também demonstra notório conhecimento de suas raízes comprovando que, mesmo sem estudos, consegue repassar tudo que lhe foi ensinado acerca do folclore brasileiro, haja vista que instiga a criatividade das crianças, por meio da maneira misteriosa e firme de narrar suas histórias.

Quando crianças e adolescentes negros assistem a filmes ou leem livros e percebem a presença de personagens negros, intrinsicamente, há uma projeção de como eles se enxergam, baseando-se naquilo que é visto.

Dessa forma, ao pensar em Sítio do Pica-pau Amarelo, ao invés de projetarem uma realidade de inserção e pertencimento a aventuras incríveis e diversas de

[13] SBOVITZ, Tatiana. Vamos conhecer um pouco sobre cada personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo? **O mundo da Alfabetização**. Disponível em: https://tatiana-alfabetizacao.blogspot.com/2008/04/o-stio-e-personagens.html. Acesso em: 19 jul. 2023.
[14] BRESSAN, Willian. Sintonizando: **Dona Benta, avó de gerações**. Gazeta do Povo. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/celebridades/sintonizando-avo-de-geracoes/. Acesso em: 19 jul. 2023.

Pedrinho, Narizinho, Visconde Sabugosa e Emília e, por mais que o contexto em que a obra foi escrita seja condizente com a maneira com que pessoas pretas eram tratadas na época, há o estereótipo dessas pessoas sendo reforçado, ao serem relatadas em papéis de pouca relevância, colocando essa parcela da população, novamente, como preterida.

3 PROCESSO HISTÓRICO DA ABORDAGEM DE PERSONAGENS NEGROS EM FILMES E NOVELAS INFANTIS

A primeira memória da maioria das pessoas quando se fala da retratação de pessoas pretas na televisão é de subempregos relacionados à serventia, prostituição e tráfico.

Essa realidade é a favorita da branquitude para o reforço de estereótipos negativos da população negra, visto que esse cenário não lhes afeta, muito pelo contrário, apenas os mantém na posição majoritária de domínio.

No âmbito de filmes e novelas infantis, o cenário é o mesmo, isso fica evidente na novela “Carrossel” transmitida pela emissora SBT entre os anos de 2012 e 2013, readaptação da edição mexicana exibida no ano de 1989.

A novela retrata o dia a dia de crianças estudantes da escola Mundial, que vivem aprontando peripécias com a professora Helena. Ocorre que, um dos personagens principais e a única criança negra da novela, tem a vida mais difícil da escola, o Cirilo.

Dentre tantas narrativas positivas destacadas na novela, o único menino negro enfrenta uma vida miserável, já que seus pais têm subempregos, juntamente com o racismo constante que sofre dos personagens brancos e ricos.

Por mais que seja necessário apresentar a realidade de grande parcela da população preta, tem de haver um equilíbrio entre o relatado e uma perspectiva positiva de ascensão, pois, sendo o público majoritariamente infantil, é preciso que crianças e adolescentes tracem seus futuros de forma que fujam da condição de serem pré-destinadas à submissão, conforme comumente mencionado.

Poucos anos depois, em 2015, foi exibida a novela “Cúmplices de um Resgate” também da emissora SBT. Entretanto, ao invés de retratarem uma criança negra se divertindo com os outros personagens, sequer colocaram personagens

negros, demonstrando mais uma vez a desimportância depositada nessa parcela da população.

Já no ano de 2016, o grande sucesso da televisão infantil foi a novela “Carinha de Anjo”, retratando a vida de Dulce Maria, uma criança meiga, arteira e, novamente, branca.

Essa novela merece um papel de destaque, uma vez que aborda a primeira infância, isto é, o período desde a concepção de bebê, até os seis anos de idade. Esse período é imprescindível no processo de formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes, posto que a inclusão social por meio da quebra de estereótipos deve ser incentivada entre os indivíduos a começar na primeira infância.

Assim, apesar de Dulce Maria mostrar com frequência que é uma criança desprovida de qualquer forma de preconceito, é necessário compreender que todas as pessoas brancas estão sujeitas a cometer racismo, tendo em vista seu caráter estrutural.

Ou seja, nas formas que a mídia alcança, de uma forma geral, é necessário que seja divulgado não somente as formas explícitas de preconceito, mas também os moldes institucionais e enraizados que essa espécie de violência alcança.

Conclui-se, portanto, que personagens negros quase nunca são abordados, e quando são, relatam uma vida e realidade de muita pobreza e miséria regada de racismo e preconceitos oriundos de uma profunda desigualdade.

E, mesmo que, infelizmente, crianças e adolescentes negros enfrentem difíceis realidades, é mais do que necessário que cenários de perspectivas positivas os inspirem a projetar seus futuros para uma vida melhor e respeitada.

Em meados de 2022, houve especulações sobre a produção do “*live-action*” da aclamada animação da Disney “A Pequena Sereia”, entretanto, o que mobilizou grande parte do público não foi a fidelidade mantida da história, mas sim a discrepância entre a personagem fictícia e a atriz real que representam a sereia Ariel, personagem principal do filme.

As mudanças ocorridas não acarretam prejuízo à construção do filme, pelo contrário, apenas abrangem na magia “Hollywoodiana” a possibilidade de crianças e adolescentes que consomem esse tipo de conteúdo como entretenimento sonharem e acreditarem que também podem ser príncipes e princesas.

Não obstante a isso, quando um filme vira sucesso de bilheterias, sendo interpretado por uma atriz negra como personagem principal, traz um sentimento de gratificação e realização para jovens adultos que, infelizmente, não tiveram a mesma sorte de desfrutar de representatividade em seu cotidiano.

A pergunta central para que tenha uma perspectiva de mudança é a seguinte: “Mas o que esperar de um cenário onde uma única parcela da sociedade tem poder majoritário sobre as narrativas criadas?”[15].

A partir desse questionamento, é quase que obrigatório que haja uma modificação nas estruturas e cadeias de comando que, desde a formação da sociedade brasileira, é governada por pessoas brancas e elitizadas.

Sob outra ótica, como a modificação mencionada é na estrutura da sociedade, a transformação também tem de ocorrer a partir da mudança de abordagem de personagens negros que são reflexo de muita inspiração para crianças e adolescentes negros.

No mesmo sentido, é imprescindível a conscientização de pessoas brancas que ainda ocupam posições de poderes para que, ao lado de pessoas negras, construam narrativas justas e respeitosas, de modo que, em um futuro próximo, pretos e pretas sejam protagonistas de suas próprias narrativas construídas por fruto de união e ancestralidade.

3.1 MODOS DE REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS ARTES CÊNICAS

Assim como em todas as esferas da vida social, a necessidade de uma cena representativa é um dos grandes pontos das relações políticas e sociais do século XXI. Entretanto, só a representação não é suficiente, já que a palavra “representar” carrega diversos significados, e de nada importa essa representação caso não seja feita de modo que o “pretagonismo” aconteça.[16]

---

[15] MELO, Paula Berle Bezerra. Autoestima da Mulher Negra no Cinema: Ressignificações e Novas Formas de Retratação. "Extensão em Debate". *In:* **Revista da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Alagoas/UFAL**, Edição Especial n. 09, Vol. 11, ano 2022. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/14487. Acesso em: 28 jul. 2023.

[16] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

Stuart Hall[17] afirma que a representação é a utilização da linguagem para expressar algo sobre o mundo ou apresentá-lo para outras pessoas. Já Conrado Dess[18] define a representação "como a capacidade de algo ou alguém representar as características comuns de um grupo ou uma comunidade, assim como pela distinção de atuar representando uma pessoa"[19]. Dentro dos muitos significados da palavra ao falar de negritude, é essencial analisar a representação da associação da produção de sentidos e discursos através da imagem.[20]

Com as afirmações de Hall, podemos concluir que, mesmo nas simples práticas do cotidiano, integramos os sentidos que damos às coisas, e o mesmo acontece nas representações artísticas. Para relacionar as afirmações de Hall com o pretagonismo é necessário abordar a autora Neusa Santos Souza[21], com o pensamento de que o discurso sobre si mesmo é uma das maneiras de exercer autonomia. Sendo assim, os modos de representação são tão importantes quanto a representação em si.

> A poética é muito movimentada, a gente está investigando, elaborando, pensando, revendo, se aprendendo, se colocando, mas tem umas pistas de coisas que a gente já traz em todos os trabalhos em comum. A dramaturgia que eu vejo ela é simultânea. Ela não diz só aquilo que ela tá dizendo, ela tem muitas camadas[22].

O grupo Pretagô se denomina como um "quilombo de artistas que pesquisa identidade, inserção, representação e representatividade das subjetividades negras nas artes da cena"[23]. Sendo o grupo um dos exemplos de desvinculação de artistas

---

[17] Stuart Hall foi um teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido a partir de 1951.

[18] **Conrado Dess** é pesquisador, diretor teatral, dramaturgo e doutorando em Artes Cênicas pela ECA/USP. É Bacharel (2018) e Mestre (2021) em Artes Cênicas.

[19] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[20] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[21] Neusa Santos Souza foi uma psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira. Sua obra é referência sobre os aspectos sociológicos e psicanalíticos da negritude. inaugurando o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo no Brasil.

[22] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[23] Grupo Pretago, Sobre. Disponível em: https://grupopretago.com/sobre/. Acesso em: 09 out. 2023

negros com a associação direta ao aprisionamento, se fazendo importante o marcador racial presente em seu nome, mostrando que a palavra “preto” pode possibilitar poesias e não somente a delimitação de um lugar social.[24]

Um dos integrantes do grupo fala da importância da pessoa preta enxergar a possibilidade de fazer o que quiser, já que segundo ele mesmo que alguns espaços não tenham sido dados, esses mesmos lugares serão “tomados”.

> Olha, até então nunca me pensaram como Ofélia, olha aí a Ofélia que vocês perderam. Uma Ofélia dessas nunca mais vocês vão ter. Agora eu tô aqui com o meu squad[25].

Essa fala traz novamente Neusa Santos Souza, que aborda a assimilação produzida ao imaginário branco que generaliza ou limita a representação de pessoas negras, sendo esses mitos somente um discurso verbal ou visual, formando uma comunicação sobre qualquer pessoa ou coisa, objetivando modificar o real, produzindo ilusões, negando histórias e transformando esses discursos em natureza real, mitos esses que dominam e doutrinam[26].

O modo de representação também pode criar fronteiras entre a arte e a educação, de modo que se torna muito mais fácil doutrinar um povo se esse povo não tiver base de conhecimento, pois o conhecimento é fornecido de maneira inacessível, com isso, por mais que um jovem negro busque e encontre informações, ainda assim haverá dificuldade de introduzir esse conhecimento em seu cotidiano, já que a escrita, a fala, e a estética do que é considerado “inteligente” foge completamente da realidade de uma criança ou adolescente periférico.

A partir desse ponto, é possível visualizar a importância do próprio negro criar sua arte visual e textual, pois assim é possível se conectar com os demais, levando em consideração que é mais importante que o jovem entenda o conhecimento que está sendo passado, mesmo que de maneira simples e com exemplos que sejam de

---

[24] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[25] DOS REIS, Ana Paula Silva. **Modos de Representação e Representatividade Negra desde Experiências Cênicas Porto-Alegrenses**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2021, p. 115. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[26] LIMA, Evani Tavaris. Teatro Negro, Existência por Resistência: Problemáticas de um Teatro Brasileiro. Repertório, Salvador, nº 17, p. 82-88, 2011.2, p. 2. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5665/1/5729-15715-1-PB%5b1%5d.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

seu conhecimento, do que uma explicação baseada em livros Europeus, afastando a realidade do negro e dificultando o entendimento nas palavras.

O teatro da cultura negra é um exemplo de cultura que permeia o dia a dia da maioria das crianças e adolescentes, porque por mais que não saibam as brincadeiras *(terno de reis, capoeira, bumba meu boi, maculelê, entre outras),* sentem a força desse teatro com grande presença preta.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi um coletivo criado em 1944 apresentando a primeira proposta de teatro com critica racial, indo muito além de um empreendimento teatral. O grupo tinha como principal objetivo integralizar o negro na sociedade brasileira, criticando a ideologia da branquitude, valorizando a contribuição negra à cultura brasileira e, assim, mostrar que o negro também possui conhecimento intelectual.

> Os objetivos listados pelo grupo demarcam mui explicitamente uma ação política, organizada para atuar na área de formação e educação básica da população negra (notadamente trabalhadores dos baixos extratos sociais); na organização de seminários, congressos e outros eventos de natureza político-partidária e social; na produção de jornais e revistas; e na promoção de eventos socioculturais, a fim de promover a valorização das expressões negras no país [27]

Ao retratar boas histórias mostrando um negro diferente do que se costumava ver na dramaturgia (feio, cômico e submisso), o grupo conseguiu viabilizar dignidade à cultura afro e, com isso, auxiliou para o estabelecimento de termos institucionais para definir a identidade da nação. O momento em que o grupo se movimentou foi de suma importância, pois enfrentavam a redemocratização, com isso se tornando um caminho do contexto social que seus próprios pertencentes não conheciam, já que no Brasil não se sabia dos efeitos negativos do preconceito racial.

Desde a promulgação da Lei Áurea, houve uma tentativa forçada de embranquecimento da população no Brasil, tentativa essa que se fortaleceu na Era Vargas, sendo esse o mesmo período em que surge o grupo de Teatro Experimental Negro. Um dos mecanismos utilizados para o embranquecimento da população e assim consolidar o “Ideal Nacional” foi a propagação do falso discurso de que havia igualdade social e econômica, com as mesmas oportunidades e tratamentos para negros e brancos.

---

[27] LIMA, Evani Tavares. **Teatro negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro**. Repertório, Salvador, nº 17, p.82-88, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5665/1/5729-15715-1-PB%5B1%5D.pdf. Acesso em: 21 de out. de 2023.

O falso discurso de democracia foi extremamente prejudicial para as artes cênicas que tratavam de questões raciais, pois como iriam tratar de um tema em que muitas pessoas acreditavam não existir?

Assim como na Era Vargas, os teatros encontraram dificuldade para representar a face negra. Nos anos 2000 as novelas televisionadas estavam com o mesmo conflito, podendo comprovar esse pensamento ao analisar personagens interpretados por atores negros e concluir que a maioria foi inspirada nos romances de folhetos escritos no período em que acontecia a escravidão.

> Assim, o teatro negro brasileiro, além de lidar com as questões derivadas de sua condição política (afirmar seu discurso e combater o que o contradiz), ainda tem que justificar a necessidade de sua própria existência. Ora, é a sua própria existência, em condição de resistência, que justifica sua necessidade. Necessidade de preencher lacunas, tais como a ausência de atores, autores, textos e personagens negras, livres de estereótipos e da coisificação. Necessidade de mais fôlego e forças para renascer e conseguir sobrepor-se à, ainda nebulosa, identidade racial brasileira[28].

O Brasil é culturalmente um país "*noveleiro*", sendo costume das famílias se reunirem para assistir novelas, sejam adultos ou crianças, todos acabam sendo influenciados pelo que passa nas telas. Porém a criança, por ainda estar em formação, acaba vendo a história como verdade absoluta e aplicando no seu dia a dia, o que se torna completamente prejudicial levando em consideração tudo o que já foi tratado no presente artigo. Pois, "*uma das grandes barreiras para superar a baixa estima que nos afeta é a falsa ideia de que não temos problemas com a questão racial, que vivemos em harmonia, apesar de nossas diferentes matrizes".*[29]

> Onde está o negro na TV pública?". O estudo mostrou, por exemplo, que apenas 0,9% da programação de três emissoras públicas do país (TV Cultura, de São Paulo; Rede Brasil, do Rio de Janeiro; e TV Nacional/Radiobrás, de Brasília) foi destinado à cultura afro-brasileira. O levantamento indicou também que menos de 10% dos apresentadores são negros e que somente 5,5% dos jornalistas que atuam nas empresas são de origem afrodescendente[30].

Os estereótipos reafirmados na televisão brasileira têm grande influência para o conceito de beleza que a população infantojuvenil negra constrói sobre si, pois buscam sempre se aproximar de características europeias. Em uma oficina feita com

---

[28] LIMA, Evani Tavares. Teatro negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro. **Repertório**, Salvador, nº 17, p.82-88, 2011.2. pg. 3. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5665/1/5729-15715-1-PB%5b1%5d.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023

[29] *Ibid.*

[30] FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, Governo Federal. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?p=2047. Acesso em: 28 jul. 2023.

crianças chamada "*O negro na mídia*", uma garota foi questionada de quais personagens da TV ela se reconhecia e sua resposta foi "Eles não iam querer uma menina feia assim como eu, com o cabelo duro desse jeito na novela, né professora"[31]. Esta resposta demonstra que as personagens que ela costuma ver na televisão estão distantes da sua realidade, e, dessa forma, nega a beleza de suas próprias características.

3.2 DANOS CAUSADOS PELO RACISMO POR MEIO DE TERMOS LINGUÍSTICOS

Há séculos no mundo ocidental a linguagem é utilizada como meio de normatização e idealização, criando definições com base nos conceitos europeus. O substantivo negro, por exemplo, que é considerado um conceito natural, é, na verdade, um conceito novo criado pela branquitude, uma vez em que não surgiu enquanto sua categoria discutia sua definição, mas sim ela própria foi obrigada a reproduzir o conceito criado pelo colonizador[32] .

Muitos dos termos utilizados pela sociedade vem da sociedade Europeia. O Brasil é um ótimo exemplo da tentativa de combater línguas já faladas por povos originários negros, considerando que os negros e indígenas presentes no país foram obrigados a usar o português como língua primária, a fim de apagar marcas de origem do colonizado, elitizando nações através da definição do que é ou não um conhecimento válido.

Desde a infância, a negritude sofre com termos a fim de os inferiorizar, sendo o caso do lápis de cor denominado "lápis cor da pele" que é um tom puxado para o rosado fazendo referência a peles claras[33].

---

[31] DO NASCIMENTO, Carolina Melo. **A Influência da Mídia na Construção da Identidade da Criança Negra**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Centro de Formação de Professores – CFP, Licenciatura em Pedagogia, Amargosa, 2017, p. 28. Disponível em: http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1672/1/TCC-VERS%C3%83O-FINAL%20para%20cd.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

[32] NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico, os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Editora Letramento, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=DKnMDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=termos+lingu%C3%ADsticos+racistas&ots=rF3cGhTDdK&sig=vtQz1y0_LpbB2MaJH-ZIFR_fZuw#v=onepage&q=termos%20lingu%C3%ADsticos%20racistas&f=false. Acesso em: 28 jul. 2023.

[33] GONÇALVES, Wendy; COELHO, Daniele Cristina; VIEIRA, Amanda Souza; SILVA, Priscilla Chantal Duarte; FILIIPE, Ana Rita Tomich Magalhães; SHITUKA, Ricardo. Danos causados pelo racismo por meio de termos linguísticos na saúde mental da população negra e a importância da psicologia preta para esse público: uma educação para as escolas. **Revista de Casos e Consultoria.** Itajuba, 2020, p. 7. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/22407/13452. Acesso em: 28 jul. 2023.

Para exemplificar e comprovar o que foi dito acima, relatamos um episódio pessoal. A coautora deste artigo, Eduarda Marques, em sua infância, mais especificamente no Ensino Fundamental I, em que durante todo esse período estudou em escola particular, sendo a única negra da sala de aula (não se tratando somente dos alunos, mas também dos professores *(Vale ressaltar que a primeira vez em que foi ensinada por uma pessoa preta foi aos 16 anos, prestes a se formar no ensino médio*). Em uma aula de artes, lembra-se, com muita tristeza, que, ao pintar a pele do desenho de um dos personagens da Turma da Mônica com lápis marrom, levou uma bronca da professora, afirmando que aquela era a cor errada para pintar a pele de alguém.

Nos canais midiáticos, as discriminações linguísticas acontecem frequentemente em tom de piada de maneira implícita, o que para crianças ou adolescentes se torna prejudicial, já que essas veem na televisão um meio de contato com o mundo externo ao mesmo tempo em que formam sua identidade.[34]

Em uma de suas obras, Marcos Bagno, respeitado linguista brasileiro, percebe como o preconceito racial na linguagem acontece através da imprensa e de grupos de poder, como em programas de televisão, *rádio ou jornais impressos,* que abordam como falar corretamente o português, sendo direcionado aos negros. Na maior parte das vezes, a maneira de falar ou escrever do negro é considerada errada, estando isso completamente atrelado ao fato de que a maior parte da população é negra e mesmo assim estão condicionadas a um ensino escolar precário, o que é comprovado ao olhar para dados afirmando que o analfabetismo entre negros é o dobro comparado ao analfabetismo de brancos[35].

> Quando analisamos os dados de escolarização básica, os números parecem, reforçar nossa preocupação. Entre as pessoas brancas, por exemplo, 70% dos jovens a partir dos 15 anos estão no ensino médio, contra apenas aproximadamente 55% entre os negros[36].

---

[34] DO NASCIMENTO, Carolina Melo. A Influência da Mídia na Construção da Identidade da Criança Negra. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Centro de Formação de Professores – CFP, Licenciatura em Pedagogia, Amargosa, 2017, p. 28. Disponível em: http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1672/1/TCC-VERS%C3%83O-FINAL%20para%20cd.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

[35] NASCIMENTO, Gabriel. Racismo Linguístico, os subterrâneos da linguagem e do racismo. Editora Letramento, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=DKnMDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=termos+lingu%C3%ADsticos+racistas&ots=rF3cGhTDdK&sig=vtQz1y0_LpbB2MaJH-ZIFR_fZuw#v=onepage&q=termos%20lingu%C3%ADsticos%20racistas&f=false. Acesso em: 28 jul. 2023.

[36] NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Editora Letramento, 4 de out, de 2019. pg.13.

Mesmo que superada as desigualdades no campo da educação, para um jovem negro é muitas vezes inalcançável cogitar sair do patamar colocado pelo imaginário branco. Ainda que tenham pessoas negras em posição de importância social, essa representação vem acompanhada de dificuldades enfrentadas por sua raça. Sendo esse o exemplo da parlamentar Talíria Petrone que enfrenta xingamentos e ameaças pelo fato de ser negra[37].

Os episódios racistas enfrentados principalmente por mulheres negras que ascenderam a importantes posições sociais acontece pelo medo da população branca ao enxergarem que a supremacia pode ser afetada, e por isso intimidam essas mulheres de maneira verbal na maior parte do tempo. Sendo essa uma grande arma não somente contra as mulheres, mas sim à toda a população negra, já que basta um termo racista dirigido ao negro para que todos os brancos (e não surpreendentemente alguns negros) passem a demonizá-lo, uma vez em que a linguagem e associação do negro com coisas ruins sempre foi um dos fortes pontos para manter a imagem de vilã à raça[38].

É possível afirmar que a palavra negro está associada a coisas negativas ao observar as expressões *"mercado negro", "magia negra", "lista negra", "página negra", "humor negro" "ovelha negra" e "denegrir"*[39].

Consequentemente, algumas expressões foram substituídas, como a troca do "negro" pelo "preto" e a tentativa de abolir "mulata", "doméstica", "morena", "da cor do pecado", entre outros termos que fazem referência ao período colonial, que trazem conceitos que se remetem à ideia de cruzamento entre animais, domesticação, embranquecimento da pele para embelezar e sexualizar, expressões que torna ainda mais pejorativa a imagem da pessoa negra em sociedade.

---

[37] FELIX, Carla Baiense; PAULLA, Monique. **Racismo cotidiano na política brasileira**: xingamentos e ameaças contra a parlamentar negra Talíria Petrone e seu significado na herança colonial. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Niterói, Rio de Janeiro, p. 4. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/48137/2332-9873-1-PB.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023.

[38] *Ibid.*

[39] GONÇALVES, Wendy; COELHO, Daniele Cristina; VIEIRA, Amanda Souza; SILVA, Priscilla Chantal Duarte; FILIIPE, Ana Rita Tomich Magalhães; SHITUKA, Ricardo. Danos causados pelo racismo por meio de termos linguísticos na saúde mental da população negra e a importância da psicologia preta para esse público: uma educação para as escolas**. Revista de Casos e Consultoria**, Itajuba, 2020, p. 5. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/22407/13452. Acesso em: 28 jul. 2023.

Muitos canais de mídia não têm o intuito principal de informar, mas sim de seduzir, espetacularizando a corrupção, os crimes violentos, ao mesmo tempo em que banalizam o crime de racismo, já que o discurso, ao apresentar essas notícias, é o mesmo utilizado para tratar notícias de rotina.[40]

> Já em 1962, Jürgen Habermas apontava a integração entre conteúdo informativo e entretenimento no discurso jornalístico. Para o filósofo, as pessoas se interessam mais por informações que entretém, "as tomadas de posição da redação cedem espaço às informações das agências noticiosas e às reportagens dos correspondentes; o raciocínio desaparece por trás do véu das decisões tomadas internamente sobre a seleção e a apresentação do material[41].

Ao contrário de outros crimes que são noticiados na mídia, o crime de racismo ou injúria racial é apresentado com destaque dado à vítima e não ao autor do crime, expondo a pessoa que foi violentada e escondendo a identidade do agressor.[42.] O mesmo não acontece quando o negro está na posição contrária, pois esse geralmente tem sua identidade revelada nas notícias, acompanhada de denominações ofensivas como "criminoso" e "ladrão". No entanto, o branco em posição ativa, é denominado com apreço à sua atividade, como "estudante" "advogado". Essa realidade pode ser observada em manchetes como: "Aluna de medicina da USP desviou quase R$ 1 milhão da poupança de formatura da turma, denunciam colegas"[43] e "Homem negro, suspeito de furtar caixas de bombons, é amarrado pelos pés e arrastado por policiais em São Paulo"[44].

Nas notícias apresentadas, ambos os casos abordam o mesmo tipo de ocasião, furto, mas são tratados de maneira diferente. A primeira manchete trata o caso de uma jovem que furtou quase um milhão de reais (caso comprovado) e, mesmo assim, não é chamada de ladra, mas sim de estudante; o furto não é chamado de furto, mas sim de desvio; até mesmo as vítimas não possuem essa denominação, no

---

[40] DE OLIVEIRA, Daniele. **A representação do crime de racismo no discurso do jornal baiano correio**. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Abril, 2018, p. 1. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/16877/15174/28308. Acesso em: 28 jul. 2023.

[41] DE OLIVEIRA, Daniele. **A representação do crime de racismo no discurso do jornal baiano correio**. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Abril, 2018, p. 2. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/16877/15174/28308. Acesso em: 28 jul. 2023.

[42] *Ibid.*

[43] BARBOSA, Nathália; MARTINS, Lívia; HONÓRIO, Gustavo. TV Globo e G1 SP — São Paulo, 15/01/2023, 17h50. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/15/aluna-de-medicina-da-usp-teria-desviado-quase-r-1-milhao-da-poupanca-de-formatura-da-turma-denunciam-colegas.ghtml. Acesso em: 28 jul. 2023.

[44]RICCI, Larissa; MANETTA, Mariana. Itatiaia. Belo Horizonte. Disponível em: https://www.itatiaia.com.br/editorias/brasil/2023/06/07/homem-negro-suspeito-de-furtar-caixas-de-bombons-e-amarrado-pelos-pes-e-arrastado-por-policiais-em-sao-paulo. Acesso em: 28 jul. 2023.

caso sendo chamados de colegas. Já a segunda manchete aborda o caso de um homem que foi suspeito de furtar caixas de bombom e, mesmo sem comprovação de que foi culpado, a palavra furto foi utilizada, é possível fazer juízo aos valores, já que um milhão de reais foi tratado como desvio e caixas de bombom que não somam nem uma centena de reais foi configurado como furto.

CONCLUSÃO

Após a apresentação do presente artigo, não restam dúvidas de que a inferiorização de crianças e adolescentes negros é um fato problemático e, por isso, há o Estatuto da Criança e do Adolescente para garantir seus direitos, bem como leis, a fim de punir a discriminação quanto à raça. Mas, quando ambos os marcadores sociais se unem, surgem lacunas nas legislações, na medida em que há diferenças sociais entre crianças brancas e negras. Enquanto as primeiras possuem a esperança de ascensão social, meninas e meninos negros buscam formas de sobreviver e de superar as adversidades. Esta conjuntura traz a necessidade de termos legislações que sejam sensíveis a essas diferenças sociais para que promovam adequadamente a proteção integral de crianças e adolescentes

O ambiente escolar tem como função principal ensinar crianças e adolescentes, para que estejam aptos a compreender a realidade social. Todavia, o que se tem visto ao longo da história brasileira é uma priorização pelo ensino de heranças culturais europeias e, como consequência, há uma exclusão das heranças culturais de matriz africana. Não faltam livros, documentários e histórias do povo negro para serem apresentados aos estudantes. Ressalta-se que, mesmo com o advento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que obrigam a inclusão da História e da cultura afro-brasileira e africana no currículo oficial da rede de ensino, tais conteúdos ainda não chegam de forma satisfatória às salas de aula. Assim, é necessário que as equipes escolares sejam treinadas a como apresentar a cultura afro-brasileira e africana aos alunos.

Resumir o papel dos negros na história à escravidão é uma decorrência do racismo estrutural que atinge a sociedade brasileira. Esse recorte da história, principalmente, na primeira infância na qual estão sendo formadas opiniões e percepções contribui para que a criança negra se enxergue como alguém inferior, reduzido ao que seu físico pode fazer, como trabalhos braçais a serviço das pessoas

brancas ou, então, às curvas do seu corpo como objeto de desejo sexual. É preciso mostrar às crianças negras que elas têm o direito de alçar posições sociais respeitadas, bem como de desenvolver seus talentos. Não há problema de desejarem ser jogadoras (es) de futebol, atrizes ou atores, mas o importante é que não tenham esse desejo apenas pelo fato de essas serem as posições de maior destaque social conferidas às pessoas negras.

Assim como acontece na literatura, as novelas dificilmente abordam histórias em que pessoas negras estão em posição de destaque. As abordagens são superficiais, demarcadas por estereótipos racistas. Pessoas negras dificilmente têm papéis de protagonistas na literatura e nas novelas, já que o entretenimento também está marcado pelo racismo estrutural da sociedade brasileira. Personagens negros geralmente são pobres, sofredores e, caso tenham uma reviravolta na vida, isso é tratado como mera sorte ou bondade do “branco salvador” e não como resultado de sua capacidade ou esforço próprio.

Para modificar o que se passa nas telas, tirando o negro do papel de vilão ou desventurado, é necessário que os negros possam contar suas histórias, mostrando a beleza de sua raça e de sua ancestralidade, para, assim, inspirar a infância e juventude no seu período de formação intelectual e emocional.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Nathália; MARTINS, Lívia; HONÓRIO, Gustavo. TV Globo e g1 SP — São Paulo 15/01/2023, 17h50. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/15/aluna-de-medicina-da-usp-teria-desviado-quase-r-1-milhao-da-poupanca-de-formatura-da-turma-denunciam-colegas.ghtml . Acesso em: 15 jan. 2023.

BRASIL. Constituição Federal de 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 18 jul. 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo: Atlas, 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 18 jul. 2023.

BRESSAN, Willian. **Sintonizando: Dona Benta, avó de gerações**. Gazeta do Povo. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/celebridades/sintonizando-avo-de-geracoes/. Acesso em: 19 jul. 2023.

CAMARGO, Climene; ALVES, Eloina; QUIRINO, Marinalva. Violência Contra Crianças e Adolescentes Negros: Uma Abordagem Histórica. **Texto & Contexto –**

Enfermagem. Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 608-615, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/5JTcg8MHgGsZrzfZBvnHbTf/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2023.

COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. *In:* **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 14, n. 39, 2022. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384. Acesso em: 28 jul. 2023.

FELIX, Carla Baiense; PAULLA, Monique. Racismo cotidiano na política brasileira: xingamentos e ameaças contra a parlamentar negra Talíria Petrone e seu significado na herança colonial. **Revista de Casos e Consultoria**. Itajuba, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/22407/13452. Acesso em: 28 jul. 2023.

JORGE, Miriam; BARBOSA, Mara. Depois da Pandemia e do Pandemônio: Linguística Aplicada e Antirracismo. **Educator Preparation & Leadership Faculty Works.** St. Louis: University of Missouri, 2020. Disponível em: https://irl.umsl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1013&context=epir. Acesso em: 28 jul. 2023.

LIMA, Evani Tavaris. Teatro negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro. *In:* **Repertório.** Salvador, nº 17, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5665/1/5729-15715-1-PB%5b1%5d.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

MALAFAIA, Evelyn. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra**. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Uberlândia, p.1/18, outubro de 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

MELO DO NASCIMENTO, Carolina. **A influência da mídia na construção da identidade da criança negra. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.** Amargosa : UFRB, 2017. Disponível em: http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1672/1/TCC-VERS%C3%83O-FINAL%20para%20cd.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

MELO, Paula Berle Bezerra. Autoestima da Mulher Negra no Cinema: Ressignificações e Novas Formas de Retratação. *In:* **Extensão em debate -** Revista da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Alagoas/UFAL. Edição Especial no. 09, Vol.11, ano 2022. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/14487. Acesso em: jul. 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico, os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=DKnMDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=termos+lingu%C3%ADsticos+racistas&ots=rF3cGhTDdK&sig=vtQz1y0_LpbB2MaJH-ZIFR_fZuw#v=onepage&q=termos%20lingu%C3%ADsticos%20racistas&f=false. Acesso em: 28 jul. 2023..

OLIVEIRA, Daniele de. A representação do crime de racismo no discurso do jornal baiano correio. **Cadernos de Linguagem e Sociedade,** 19(2), 2018. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/16877/15174/28308. Acesso em: 28 jul. 2023.

RICCI, Larissa; MANETTA, Mariana. **Homem negro, suspeito de furtar caixas de bombons, é amarrado pelos pés e arrastado por policiais em São Paulo**. Disponível em: https://www.itatiaia.com.br/editorias/brasil/2023/06/07/homem-negro-suspeito-de-furtar-caixas-de-bombons-e-amarrado-pelos-pes-e-arrastado-por-policiais-em-sao-paulo. Acesso em: 28 jul. 2023.

ROBERTI JÚNIOR, João Paulo. Evolução Jurídica do Direito da Criança e do Adolescente no Brasil. *In:* **Revista da Unifebe**, v. 1, n. 10, jan./jul, 2012. Disponível em: https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/7. Acesso em: 18 jul. 2023.

SBOVITZ, Tatiana. **Vamos conhecer um pouco sobre cada personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo?** O mundo da alfabetização. Disponível em: https://tatiana-alfabetizacao.blogspot.com/2008/04/o-stio-e-personagens.html. Acesso em: 19 jul. 2023.

SILVA DOS REIS, Ana Paula. **Modos de representação e representatividade negra desde experiências cênicas porto-alegrenses**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2021. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236264/001138515.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jul. 2023

SILVA, Chris Giselle Pegas Pereira. **Código Mello Mattos**: um olhar sobre a assistência e a proteção aos “menores”. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14406/14406.PDF. Acesso em: 10 jul. 2023.

ZAMBONE, Marcio. **Marcadores sociais**. Sociologia Especial. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2023.